

## **Pode a arte falar? Legendagem antirracista como recurso midiartista<sup>1</sup>**

Ricardo Oliveira de Freitas<sup>2</sup>

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

### **RESUMO**

Analiso legendas de performances produzidas por artistas negros para promover luta antirracista. Interessa-me entender a contribuição do midiativismo para promover causas classicamente silenciadas e criar uma nova esfera de produção de discursos. Para tanto, seleciono legendas que traduzem as obras de arte. Utilizo a etnografia da comunicação e a análise de conteúdo como recursos metodológicos. Os resultados parciais revelam que, ao ocupar as esferas de visibilidade midiática e as arenas discursivas paralelas, o midiativismo permite que comunidades subalternizadas produzam contradiscursos sobre si, contribuindo para a emergência de novas narrativas sobre ser negro no Brasil racista.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Midiativismo; Artivismo; Arte Afro-Brasileira; Legendagem; Midiativismo.

### **SE FOR DE PAZ, PODE ENTRAR<sup>3</sup>**

A ideia da arte que nada diz, da arte desinteressada, que serve tão somente à contemplação e que, por isso, é traduzida como expressão genuína em radical oposição à arte que comunica, chama a atenção para a necessidade de desenvolvimento de pesquisas que revelem o papel comunicativo da arte; sobretudo, da arte engajada, combativa e insurgente, que está a favor de causas frequentemente invisibilizadas, tanto pela ausência como pela presença apagada<sup>4</sup>. No caso da arte afro-brasileira, o tema assume dupla importância, já que, além de servir a tornar pública a causa antirracista, constrói uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspóricxo, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Titular Pleno da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professor Permanente nos Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL / UNEB e no Programa de Pós-Graduação em Letras; Linguagens e Representações – PPGL, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, e-mail: [ricofrei@gmail.com](mailto:ricofrei@gmail.com).

<sup>3</sup> O texto é resultante da pesquisa financiada com recursos do Edital Universal 2023 / CNPq e do Edital PROFORTE 2023 / UNEB, que conta com a participação de bolsistas de Iniciação Científica, das seguintes agências e programas financiadores: CNPq, AFIRMATIVA e PICIN/UNEB.

<sup>4</sup> Sobre presença apagada, ver Freitas, 2009.

---

ponte com outras estéticas afro-diaspóricas e centros de produção. O midiativismo (neologismo formado pelas expressões mídia, arte e ativismo social) dá conta, assim, do papel comunicativo da arte; tanto em seus aspectos de intencionalidade, de uma arte que comunica, como em seus aspectos de produção, no sentido de que analisamos obras que utilizam recursos e suportes da comunicação (como o audiovisual) para se concretizarem.

Também defendo a ideia de que o midiativismo assume um papel formativo e pedagógico que o coloca no rol das práticas educomunicativas, que traduzem tanto o papel comunicativo de práticas artísticas como o papel artístico de práticas comunicacionais; num caso ou noutro, sempre a favor da educação.

Nesse sentido, o objetivo central dessa pesquisa reside na análise do midiativismo como expressão e prática para a promoção de uma sociedade, de fato, plural e, por isso, verdadeiramente democrática, revelando a importância das estéticas afro-brasileiras, quando, ao aproximarem arte, comunicação e educação, criam uma esfera exclusiva de construção de sentidos, de uma cultura de significados e de um sistema de representações, que desloca e reorganiza o lugar reservado à mídia e às artes como espaço de e para grupos privilegiados.

Como objetivos secundários, interessa-me compreender a importância das iniciativas midiativistas para reorganizar o mercado da comunicação e da arte brasileiras, assim como, para reescrever a história oficial do processo civilizatório brasileiro, ao inserir, como protagonistas, grupos e comunidades secularmente subalternizadas e, por extensão, minorizadas, desfavorecidas e desprestigiadas.

Ao se propor a reatualizar a historiografia brasileira, já que se constitui como prática educomunicativa, o tema também adquire importância devido à sua contribuição para a reformulação do conceito de esfera pública política como proposto por Habermas (1984). O papel do midiativismo como expressão e prática para a promoção de uma sociedade inclusiva, embute em sua estrutura a ideia de que todos os indivíduos almejam incluir-se numa esfera pública política que é sempre unívoca. A crítica que Nancy Fraser (1992) faz ao proposto por Habermas, com a qual compactuo, reside no fato de que o conceito, ao apresentar a existência de uma única esfera pública possível, sempre androcêntrica e homogênea, desconhece a existência de outras muitas esferas públicas, que estão, desde sempre, sendo criadas à margem da esfera pública seletiva e hegemônica e que, apesar de periféricas, têm promovido importantes iniciativas, ao tentarem combater a desigualdade do debate público e dos discursos, a fim de contribuir para a construção

de uma democracia, de fato, representativa e deliberativa. Fraser chama a atenção para a desvalorização dos recursos discursivos dos atores subalternizados (falas, narrativas, vocabulários, argumentação) diante do debate público, o que contribui para a criação de “assimetrias de poder político, acesso aos bens materiais e status cultural” (Silva, 2016). Tal fato permite entender que é, sobretudo, entre os sistemas de produção de discursos, nos quais as artes e a comunicação têm papel de destaque, que tal tipo de desigualdade tem sido verificada.

Com base no exposto, defendo a ideia de que o midiativismo seria, assim, um elemento contra-discursivo, compromissado com as causas anti-hegemônicas e com a luta por reconhecimento e a garantia de direitos. É tal interpretação que sustenta a defesa do midiativismo como tradução da arte a serviço de uma causa, fundamentalmente importante para a criação de uma nova esfera de visibilidade midiática que, numa sociedade midiaticizada, vai ocupando o lugar reservado à clássica concepção de esfera pública política, além de transformar e criar novas formas de cidadania.

## **PODE A ARTE FALAR?**

A pesquisa debruça-se sobre as legendas das obras; e não, sobre as obras, especificamente. Por legenda, compreendo todo tipo de texto (escrito ou oral), que traduz a obra para o seu espectador. Esse tipo de texto é sempre produzido pelo artista, curador, galerista ou *marchand*. Mesmo que entenda que a fruição e interpretação da obra está nas mãos do seu fruidor, a mim, interessa a legendagem, no sentido que ela marca a intencionalidade da arte que comunica. Por isso, faço uso da Análise de Conteúdo, como recurso metodológico e direção investigativa, por acreditar que tal arcabouço metodológico dá conta da análise qualitativa das legendas, mesmo quando faço uso de métodos quantitativos de coleta. Acredito que as legendas, mais que traduzirem as obras, traduzem o desejo de tornar pública uma causa da parte dos e das artistas, galeristas e curadores que nunca está dissociada das histórias de vida desses e dessas artistas.

Das obras analisadas, todas chegaram às minhas mãos através da rede mundial de computadores, a Internet. Nesse sentido, as legendas analisadas são textos ou áudios (posteriormente transcritos), que se apresentam como legendas de fotografias ou de vídeos das obras publicadas nos perfis dos artistas, galerias e museus nas redes sociais. Por isso, também faço uso da netnografia, num tipo de etnografia da comunicação, ao

reconhecer a importância das redes sociais para produzir e distribuir conteúdos contra-hegemônicos e para criar uma esfera pública alternativa ao *mainstream*, que, nos últimos anos, vai deslocando o eixo de produção de discurso e representação. A etnografia, desse modo, contribui tanto com a minha imersão no campo da arte afro-brasileira (ao proporcionar a coleta de dados junto às legendas das obras e aos seus produtores) como com a análise dos textos (das legendas e da cultura como texto).

Aqui, selecionei quatro obras que, para além de suas composições estéticas, fazem uso da legenda como recurso de tradução da obra, a fim de promover combate ao racismo ou exaltar a presença negra no processo civilizatório brasileiro.

O conjunto de obras é formado por duas performances e duas colagens digitais. Todos e todas as autoras são negras, nascidas e residentes no Nordeste – na Bahia e no Maranhão; não por acaso, estados que concentram as nove cidades brasileiras com maior predominância de pretos, e dialogam com questões da teoria da arte através de aproximação mais estreita com a Academia. Os dois artistas baianos possuem doutorado (um deles é mesmo professor universitário) e as duas artistas maranhenses possuem graduação em Artes; o que explica certa “erudição” na formulação das legendas investigadas. Após essa primeira etapa da coleta de dados (pré-análise), submeti as legendas coletadas à exploração do material, com a ajuda do *software* Iramuteq, que tem me auxiliado no tratamento e na interpretação dos resultados. Abaixo, encontram-se as legendas analisadas.

Legenda 1. Fevereiro de 2015. 12 jovens negros têm suas vidas tiradas pela polícia militar no bairro do Cabula, em Salvador. Os jovens assassinados carregavam em seus corpos marcas raciais e sociais que os hierarquizaram historicamente como perigosos e abjetos. Nas periferias de Salvador, jovens estilizam seus cabelos por meio de desenhos realizados com navalhas. Nas cabeças, marcas internacionais ou palavras que revelam seus pertencimentos – um modo de representação e escrita de si. “Apagamento #1 (Cabula)” imerge nesse duplo contexto. O artista reproduz em seu cabelo a palavra “Cabula” e se fotografa, dia após dia, até que o nome desapareça completamente. O trabalho é uma estratégia de citar um processo cruel de extermínio e silenciamento sistêmico de jovens negros e de suas presenças nos contextos da metrópole soteropolitana (Santana, 2019b).

Legenda 2. Eu trago a memória dos maus tratos. Eu trago em cena essa ideia desse holocausto que foi a escravidão. Eu comecei a pensar o corpo, um corpo que tivesse uma certa conexão com essa história, com esse passado, com esses fantasmas. Surgiu a ideia da carne, da carne de charque, uma carne mista, mestiça, entre gordura e carne. Aí eu pensei na carne justamente como uma metáfora deste corpo de homens que foram escravizados. A dor e a ferida da escravidão negra no mundo não diz respeito apenas aos afro-brasileiros, afro-americanos, os escravos e descendentes ou os homens que foram escravizados. E eu convido essas pessoas justamente para viver esse processo. O ato físico de marcar a ferro em brasa um corpo trouxe e despertou memórias muito

antigas. Então, é o cheiro, é o som da carne assando e a combustão, que tocam nessa ferida que pra mim deve ser transmutada pela arte estetizada, mas nunca esquecida. E transformar a energia desses fantasmas, desses espíritos, todos mortos, que na Bahia a gente chama de Egum, em uma energia revolucionária, uma energia positiva e transformadora. Ver isso, ouvir isso, estar presente nisso, me ensinou coisas que a literatura e a história não me ensinou, não foi tão eficiente nos seus relatos e nas suas descrições. Meu maior objetivo enquanto performer, enquanto pessoa é buscar, justamente, curas (Heráclito, 2015, sic., transcrição do áudio da voz em *off* do artista que descreve a performance no vídeo).

Legenda 3. Reconstruindo Narrativas Visuais de Pessoas Negras na Fotografia Colonial. A série III da pesquisa sobre representação e através das afetocolagens, rostos são retirados de relações de dominação e inseridos em contextos possíveis de personalidade, expressividade e vida. A partir da obra “Negra Pernambucana”, mulheres são ambientadas entre paisagens e objetos que lhe oferecem agência sobre suas visualidades. Numa sociedade marcada pelo mito da democracia racial, a partir das colagens pode-se refletir sobre as feridas visuais carregadas nas imagens de pessoas negras através da história brasileira – objetificação, sexualização, domesticação, impessoalidade, maucaratismo etc. Como as pessoas negras estão sendo fotografadas nos dias de hoje? Quais signos suas imagens carregam atualmente? Como as mídias digitais contribuem para a disseminação dos estereótipos construídos sobre pessoas negras? Aponta-se para a necessidade de refazer as associações semióticas atreladas a pessoas negras (Silvana Mendes, 19 abril de 2022, sic., *post* publicado em seu perfil na rede social Instagram).

Legenda 4. Gê Viana passa a integrar o acervo da Pinacoteca de São Paulo com a série Couro Laminado. A obra é uma doação de Cleusa Garfinkel ao museu, através do Programa de Patronos de Arte Contemporânea da Pinacoteca. O trabalho emerge do entendimento de que as festas e celebrações afro-diaspóricas estão intimamente relacionadas com a luta por direitos e a busca pela emancipação no Maranhão: "Me volto para a memória oral de algumas famílias que tiveram suas vidas atravessada pela Guerra da Balaiada (1838-41), revolta cujo nome faz alusão à técnica do trançado, protagonizada por trabalhadores rurais negros e indígenas. 'Couro Laminado' parte da vivência em roda do querer comum de um tempo que foi conquistado: o tempo livre. 'Couro Laminado' é a revolta das multidões, é a tecnologia da mata para que uns aos outros pudessem se ver, é pedir proteção e alimento, é se comunicar na boca da noite", conta a artista. Natural de Santa Luzia, no Maranhão, Gê Viana tem como mote poético a expurgação das violências estético-simbólicas de imagens históricas, construídas nas tramas da colonização brasileira. Revelar essas imagens a partir da própria experiência particular, torna-se ponto de partida no caminhar ao entendimento de si mesma, enquanto fruto das raízes que constituem suas descendências indígenas e africanas fincadas no território do Maranhão (*post* publicado no perfil da Galeria Superfície no Instagram).

Os resultados parciais da pesquisa servem para confirmar as hipóteses, antes projetadas, de que as iniciativas midiartistas, ao promoverem combate ao racismo estrutural e apresentarem-se como prática antirracista, se distanciam do grande marcador da arte afro-brasileira, exclusivamente preocupada em reproduzir aspectos estéticos na obra que dialoguem com uma dita herança africana, através do uso de traços, formas e cores. A ideia, agora, é dialogar não mais com as formas deitadas num passado originário,

representado pela Mãe África como território inerte, mas, criar articulações com experiências estéticas afro-diaspóricas globais como projeção (afro) futurista.

A exploração e tratamento do material (legendas) apresenta como resultado a predominância dos termos negro, carne, corpo, imagem, jovem, vida, história, memória, ferida e contexto, o que reflete certo desejo, por parte desses artistas, em ressignificar os sistemas de representação e de produção de sentidos, mesmo simbólicos, a fim de que se possa construir uma cultura de significados que permita a interpretação do mundo com base na diversidade e na representatividade.

Os resultados revelam, ainda, o papel do midiativismo como estratégia de disputa política e recurso importante para a formação e fortalecimento identitário.

Por fim, vale ressaltar a importância do debate para a criação de uma nova esfera de produção, que, ao inaugurar uma esfera pública alternativa, contribui para a reorganização tanto do mercado da arte brasileira como dos sistemas de produção de discurso (midiáticos), quebrando a dicotomia entre centro e periferia, *mainstream* e *underground*, global e local. Afinal, o midiativismo negro insere a arte afro-brasileira no rol das experiências estéticas afro-centradas-globais; onde se inclui o afrofuturismo.

É som de preto, de favelado; mas, quando toca, ninguém fica parado.

## REFERÊNCIAS

FRASER, Nancy. Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy. In: CALHOUN, Craig. **Habermas and the public sphere**. Cambridge/London: The MIT Press, 1992.

FREITAS, Ricardo O. Da margem ao centro: comunicação e arte frente às questões de produção e recepção em produtos audiovisuais periféricos. In.: **Mídia alternativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica**. Ilhéus: EDITUS, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HERÁCLITO, Ayrson. Transmutação da carne. [São Paulo]: Figura 3. VÍDEO, 2015. 1 vídeo (3:32 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jmAcqx8UwIM&t=5s>>. Acesso em: 20 maio 2022.

SANTANA, Tiago. Legenda. [Salvador]. Fotografia e legenda. Disponível em: <<https://tiagosantanaarte.com/2017/03/21/apagamento-1-cabula/>>. Acesso em: 15 fev. 2019b.

SILVA, Enrico P. Para uma teoria crítica da esfera pública: contribuições de Habermas e Fraser. In: Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa, 2016, Porto. Atas Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, 2016. v. 3.